

A fragilidade do empreendedor em uma economia desestimulante

Rodrigo Leandro de Moura

Pesquisador Pleno – FGV/IBRE

Alex Corrêa

Diretor executivo da Equilibrium Gestão de Empresas

Alto desemprego, recessões e pressão inflacionária são situações que historicamente têm motivado o brasileiro a adquirir um perfil empreendedor. Na pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) Brasil, entre 2012 e 2014, ter o próprio negócio foi apontado como o 3º sonho mais importante dos brasileiros, atrás de viajar pelo Brasil e comprar casa própria, que se intercalaram entre o primeiro e segundo lugares. Esse desejo, entretanto, tem perdido força: de 43,5% das respostas (de múltipla escolha) em 2012 para 31,4% em 2014. O mesmo aconteceu com o sonho de obter um diploma de ensino superior, que em 2012 somava 31,6% de intenções, contra 21,6% em 2014. Tais resultados poderiam ser entendidos como incoerentes face ao cenário econômico positivo dos últimos anos, entre outros fatores, pelo aumento do acesso ao crédito, que permitiria mais chances de investimento em um negócio ou nos estudos.

Na tabela 1, os dados de escolaridade dos empreendedores iniciais e estabelecidos não destoam da incoerência mencionada acima: em 2014 estes se concentraram na faixa entre primeiro grau incompleto e ensino médio completo — 83,9% da totalidade, aumento de quase 10 pontos percentuais (p.p.) em relação a 2012 — indicando que o perfil escolar dos empreendedores piorou. A maior redução ocorreu no superior incompleto e completo que reduziu 7,7 p.p. Em contrapartida, 100% dos empreendedores iniciais em 2014 que tinham pós-graduação incompleta e completa tornaram-se empreendedores por oportunidade e não por necessidade. Isso indica que, quando o empreendedor tem um nível escolar mais elevado, ele entende que investir por oportunidade é a melhor opção.

Assim, as características desse perfil empreendedor estão refletidas no

baixo grau de qualidade dos negócios gerados. A tabela 2 corrobora esse fato, ao mostrar que os produtos e serviços ofertados e a idade da tecnologia ou dos processos dos empreendedores estão desatualizados, seu mercado é extremamente concorrido e suas empresas não são orientadas para exportação, potencializando o risco de mercado ao ciclo da economia brasileira. O único ponto positivo é que o percentual de empreendedores por oportunidade cresceu nos últimos dez anos. No entanto, esse crescimento não tem sido suficiente para alterar o perfil de negócios frágil da média dos empreendedores, que em sua maioria não procuram apoio técnico de órgãos especializados e consultorias — em 2013, 84,6% e, em 2014, 86,6%. Esse conjunto de resultados pode estar influenciando a produtividade média do trabalhador, que vem se reduzindo desde o ano passado.

Tabela 1 – Nível de escolaridade dos empreendedores iniciais e estabelecidos¹ por oportunidade² (em %)

Nível de escolaridade	2012		2013		2014	
	Empreendedores iniciais e estabelecidos	Empreendedores iniciais por oportunidade	Empreendedores iniciais e estabelecidos	Empreendedores iniciais por oportunidade	Empreendedores iniciais e estabelecidos	Empreendedores iniciais por oportunidade
Nenhuma educação formal	1,7	40,5	2,2	44,9	1,2	43,8
Primeiro grau incompleto - ensino médio completo	74,1	65,7	83,8	68,1	83,9	68,4
Curso superior incompleto e completo	21,8	80,0	12,3	90,6	14,1	84,2
Pós-graduação incompleta e completa	2,4	95,2	1,7	97,3	0,9	100,0
Total	100,0	69,1	100,0	71,3	100,0	70,6

Fonte: GEM Brasil, 2014. ¹Empreendedores iniciais - grupo de entrada e os que possuem até 3,5 anos de atividade. Empreendedores estabelecidos possuem negócios com mais de 3,5 anos.

²A decisão de empreender pode ser motivada por necessidade ou oportunidade. Por necessidade a decisão é baseada por não possuírem melhores opções de emprego, abrem um negócio a fim de gerar renda. Por oportunidade são os que identificam uma chance de negócio e decidem empreender mesmo possuindo alternativas de emprego e renda.

Gráfico 1 – Número médio de empregados formais por estabelecimento


No âmbito do mercado de trabalho, ocorreu entre 2003-2007 uma forte elevação do emprego formal, o qual, pelo gráfico 1, decorreu do crescimento do número médio de empregados por empresas. Isso ocorreu no período de forte crescimento do bônus demográfico, gerando um efeito multiplicador de oferta de mão de obra e de demanda potencial por produtos e serviços na economia associado a um crescimento vigoroso do setor de serviços, intensivo

em mão de obra, decorrente do cenário econômico interno e externo favorável. Talvez este tenha sido o fator mais relevante para a expansão do emprego formal — além do aumento da educação e do acesso ao crédito — haja vista que entre 2000 e 2013 não foram introduzidas alterações importantes na legislação trabalhista, ou outra forma de regulação, que produzissem modificações de porte nas instituições que regem o mercado de trabalho.

No mercado de produto aconteceram algumas mudanças que podem ter contribuído para a expansão do mercado de trabalho. Uma delas foi a forte expansão do crédito às firmas, principalmente às pequenas, através do BNDES e do próprio MTE. A decisão do governo federal de priorizar parte de suas compras em pequenas empresas foi um fator potencial. Porém, a fartura de crédito fácil acabou se mostrando ineficiente no longo prazo, haja vista o baixo crescimento da economia nos últimos anos, o que fez com que as empresas iniciassem, gradualmente, um processo de enxugamento do quadro de funcionários. No entanto, o processo atual é mais lento do que aquele observado na segunda metade da década de 1990, haja vista que o grau de formalização e a valorização real do salário impuseram um custo efetivo maior de ajuste para os empresários, cuja capacidade de gerenciamento é reduzida, como visto pelos resultados das tabelas anteriores. Assim, essa conjunção de fatores mostra que hoje é muito mais custoso para se demitir do que há 20 anos.

A divulgação recente do indicador de Liberdade Econômica do Mundo, feito pelo Fraser Institute (www.fraserinstitute.org), apontando o Brasil na 118ª posição entre 157 países, com queda de 15 posições em relação ao *ranking* anterior, é emblemático por confirmar cada vez mais a nossa economia como uma das menos livres do mundo. Aliado a isso, o perfil frágil de nossos empreendedores, em um ambiente de pouco estímulo a se investir e empreender, cuja inovação tecnológica e processos produtivos são defasados internacionalmente e perfil exportador praticamente inexistente, mostra que o desenvolvimento empresarial é cada vez mais difícil. ▣

Tabela 2 – Empreendedores iniciais x estabelecidos

Perfil e percepção	Empreendedores iniciais			Empreendedores estabelecidos		
	2003-2007	2007-2011	2011-2014	2003-2007	2007-2011	2011-2014
Razão oportunidade/necessidade	1,1	1,9	2,4	-	-	-
Conhecimento dos produtos e serviços				-	-	-
Novo para todos	5,2	4,9	1,3	3,3	2,7	1
Novo para alguns	12,1	10,6	3,6	6,1	4,2	4,9
Ninguém considera novo	82,7	84,5	95,1	90,6	93,1	94,1
Idade da tecnologia ou processos						
Menos de 1 ano	6,6	3,5	0,7	4,8	2,7	0,5
Entre 1 a 5 anos	12,7	11,7	1,6	6,8	6,4	1,2
Mais de 5 anos	80,7	84,8	97,6	88,5	90,8	98,2
Nível de concorrência						
Muitos concorrentes	64,5	63	61,5	73	72,4	69,8
Poucos concorrentes	32	30,5	31,3	23,4	22,7	25,1
Nenhum concorrente	3,5	6,5	7,2	3,5	4,9	5,1

Fonte: GEM Brasil. Elaboração: Autores.

	Exportadores		
	2003-2007	2007-2011	2011-2014
Sim	0,80%	0,90%	0,60%
Não	99,20%	99,10%	99,40%

Fonte: RAIS/TEM. Elaboração: Autores.